Assine a "FOLHA DA MANHÃ"
Ano .. .. 78$000
VENDA AVULSA
Dias uteis $400
Aos domingos $500

FOLHA DA MANHÃ

Diretor-Superintendente: OCTAVIANO ALVES DE LIMA
Propriedade da Empresa "FOLHA DA MANHÃ" LIMITADA
Diretor-Gerente: DIOGENES DE LEMOS AZEVEDO

DUAS SEÇÕES 16 PÁGINAS

ANO XVII | RUA DO CARMO, 35 e 39 TELEFONE, 2-7181 (REDE INTERNA) | S. PAULO — SÁBADO, 6 DE SETEMBRO DE 1941 | CAIXA POSTAL, 2.000 ENDEREÇO TELEGRÁFICO: "FOLHAS" | N. 5.369

Centenário do Nascimento de Bernardino de Campos

(Para a "Folha da Manhã")

RUBENS DO AMARAL

S. Paulo, quando olha para a frente, visa dias de grandeza ainda distantes, como se usasse um telescópio. Quando olha para trás, atravessa os séculos e põe as vistas na era das bandeiras. Há nisso como que uma fuga ao presente, que nos parece mesquinho, que aceitamos num conformismo ilusório de brasas sob as cinzas e que choca um povo de alma imperialista, sempre fiel às esperanças de repetir as façanhas pretéritas.

Sabemos todos quem foram Martim Afonso, Ramalho, Nóbrega, Anchieta e Tibiriçá. Sabemos quem foram Raposo, Fernão Dias, Pascoal Moreira e Bartolomeu Bueno. Sabemos quem foram José Bonifácio, Antônio Carlos, Martim Francisco e Diogo Feijó. Depois, imensos hiatos. Está por escrever a biografia dos nossos pró-homens do segundo império e da primeira república. Os períodos normais, que se extinguiram, um com Pedro II, outro com o sr. Washington Luiz, ainda não tiveram a evocação de conjunto e de pormenor.

Foi nesses períodos, entretanto, que S. Paulo liderou, como pioneiro, a marcha do Brasil para maior riqueza e para maior progresso. Castro Alves na poesia, Nabuco na oratória, Patrocínio na imprensa, pregaram a abolição; Antônio Bento realizou-a na ação direta. O Brasil deixou colher-se em colapso pela libertação dos escravos; S. Paulo preparou-se para o golpe mediante a imigração. Num largo país sem comunicações, construimos a Central, a Mogiana, a Paulista e a Sorocabana. Em meio a massa analfabeta, fomos os primeiros a organizar e a difundir o ensino. Neste "vasto hospital", lançamos aqui os alicerces dos serviços de saude pública. A segurança social, pela justiça e pela polícia, há muito que em S. Paulo é melhor do que alhures. E, para que a grande pátria existisse, como existe, na etapa a que atingiu, plantamos, até 30, bilião e meio de pés de café, que ainda hoje, se empobrecem os cafeicultores, enriquecem o Brasil.

A história dos últimos cem anos — a contar da morte de Feijó — está por ser escrita. Queremos lembrá-lo, mais uma vez, aos nossos historiadores, ensaistas e sociólogos. Queremos lembrá-lo tambem às nossas casas editoras. Queremos lembrá-lo, sobretudo, aos nossos governos, que devem pensar muito, mas não exclusivamente, no café e no algodão, no feijão e no milho, no boi e no porco, nas estradas e nos portos, nos palácios e nas avenidas. Há, alem da vida económica, a vida espiritual, cujo olvido crea fenicios e sufoca helenos. E S. Paulo, que tem departamentos de indústria animal, de fomento agrícola, de estradas de rodagem, de obras públicas, não tem ainda o seu departamento de cultura.

A ciência não foi desdenhada. O Butantã, o Biológico, o IPT e o Agronômico bastariam para atestá-lo, honrosamente. As letras e as artes, porem, permanecem no limbo. E o que poderia fazer o Departamento Estadual de Cultura, avalie-se pelo que fez o Departamento Municipal enquanto a alta direção do Município lhe dava para voar as asas que depois lamentavelmente veiu aparando.

Temos fé na Faculdade de Filosofia, que ainda será o nosso centro de cultura pura. Parece, porem, que não há suficiente compreensão da sua finalidade e do seu valor, tanto que nem sede lhe deram até agora. Não deram sede tambem à Academia de Letras. As duas faltas, conjugadas, definem o ambiente.

*

Comemoramos outro dia Campos Sales e Alvares de Azevedo. Comemoramos hoje Bernardino. Amanhã será a vez de Prudente. E assim, pelo estudo da vida dos seus grandes homens, irá S. Paulo fazendo o estudo da sua própria vida.

Bernardino de Campos é um marco. Surgiu para a vida pública numa era de transição. Não o empolgou o abolicionismo, apesar do seu republicanismo, fosse pelo feitio conservador que manteve, fosse pela pressão do meio agrícola que era o Amparo dos fins do século XIX. Coube-lhe, porem, a missão de organizar o Estado, instituida a federação republicana sobre os escombros da centralização monárquica. E sua obra foi fundamental.

Está por averiguar a influência que no seu governo teve o secretário Jorge Tibiriçá, inteligência clara, boa cultura, ação construtiva, que vivera na Europa e de lá trouxera sonhos e realizações para o campo quasi virgem que era o Brasil na aurora da República. Mesmo assim, Bernardino teria a virtude de havê-lo escolhido e de tê-lo aceito com as suas idéias e o seu programa. O fato é que o que S. Paulo tem de organização, o que já podia ter há cinquenta anos, vem do governo Bernardino em seus alicerces. O ensino primário, secundário e normal; o serviço sanitário, com os seus diversos institutos; a policia civil e militar; os orgãos básicos da secretaria da Agricultura, as primeiras obras públicas de grande vulto, imigração e colonização, o Tesouro, — tudo recebeu da sua administração, com as naturais deficiências e limitações, o modelo do que até agora se sente no seu maior desenvolvimento atual.

BERNARDINO DE CAMPOS

Desconte-se no tempo e pense em escala. Bernardino avultará como um estadista, que tinha cérebro e tinha vontade, pensando e agindo, não somente despachando o expediente, a reboque dos acontecimentos, no ramerrão cotidiano.

Assumiu depois a pasta da Fazenda, no atormentado governo Prudente, que iniciou a liquidação de uma verdadeira massa falida, felizmente terminada por Campos Salles, que preparou o terreno para Rodrigues Alves, assim vivendo o Brasil os dias áureos que lhe deu a hegemonia paulista. Arcou com as responsabilidades da negociação do "funding-loan", que não foi uma vergonha porque foi uma fatalidade. O mais importante, porem, não conseguiu Bernardino realizar, vencido pelas forças danadas que se acavalaram sobre o Brasil como o "mata-pau"; seria a reforma livre-cambista, que ficou em projeto e que impediu a ascensão de Bernardino à presidência da República.

Não se pode sequer imaginar que altos destinos teria atingido o Brasil se não lhe houvessem pregado aos pés as pegas do protecionismo, que enriqueceu os industriais e infelicitou a nação. Aproximar-se-ia da grandeza dos Estados Unidos, quando não suportou cotejos com a Argentina, o Canadá, a Austrália, que, somados, teem pouco mais que a metade da nossa população. Se Bernardino tivesse chegado à presidência da República e lá vencesse as resistências dos sistemas de interesses conjugados contra o povo brasileiro, possivelmente hoje importaríamos e exportaríamos, não 30 milhões, mas 100, 200 milhões de libras. Nessa importação, compraríamos o que o mundo nos pudesse oferecer de utilidade, conforto e luxo. Nessa exportação, venderíamos mercadorias em massa e valor suficiente para dar a cada brasileiro alto poder aquisitivo, alto padrão de vida, alto nivel de riqueza, para o gozo dos bens materiais e para a instituição do que, chame-se progresso, civilização ou cultura, é, na terra, a suprema missão do homem, que não vive só de pão.

*

Como político, Bernardino de Campos teve os defeitos dos homens do seu tempo. Na presidência do Estado, por duas vezes, e na chefia do Partido Republicano Paulista, não influiu para a melhoria dos nossos costumes políticos pela liberdade do voto e pela verdade das eleições. Viveu, porem, duas fases magníficas, na mocidade e na velhice, como propagandista da República e como lider da Campanha Civilista.

Da Propaganda, não é preciso falar. Mas o Civilismo tem, na nossa história, uma significação, a que já aludi muitas vezes e que precisa ser posta em relevo para apagar um labéu iníquo lançado pelo confusionismo contra S. Paulo. Foi, nada mais, nada menos, a antecipação de vinte anos da famosa Campanha Liberal. O que em 30 se denominou "perrepismo", tinha sido no quatriênio anterior "bernardismo". Antes, era "pinheirismo". Não era um mal essencialmente paulista. Era um mal visceralmente brasileiro.

Em 1910, S. Paulo comandou o movimento renovador, que logo amorteceu, em choque exatamente com Minas e o Rio Grande do Sul, que eram os redutos do "pinheirismo". Em 1930, houve apenas uma "reprise" desse movimento, noutro teatro, com outros atores e melhor êxito imediato.

Uma cena impressionante, que perdurou nas retinas. Reunida a convenção civilista. Para presidi-la, compareceu Bernardino, pelo braço dos amigos, a cabeça branca, os olhos cegos. O Lírico quasi desabou na tempestade das palmas e dos vivas daquela hora de emoção.

Foi um ponto culminante. A seguir, a luta pela autonomia paulista. A candidatura Rodrigues Alves, como escudo, em S. Paulo. A candidatura Wenceslau, como transação, no Rio. Apagou-se a chama cívica do civilismo. E, sob a irrupção de outra gente, o P. R. P. caminhou para o seu destino inglório, de herdeiro e responsavel por todos os erros da República, mesmo aqueles aos quais se opôs. Distribuiram-lhe o papel de bode emissário, em que é visto ainda aos olhos da ignorância de uns e da malícia de outros.

Bernardino retirou-se da vida antes da catástrofe. Não assistiu à morte do Partido que ajudou a fundar, a que tanto serviu e cujo comando lhe foi entregue nas duras batalhas de que poderiam ter resultado o civilismo predominante e o liberalismo progressista. Levou para o túmulo uma grande ilusão e deixou uma grande saudade, que é admiração, que hoje se evoca nas comemorações de S. Paulo ao filho adotivo, que se fez um dos mais queridos dos seus filhos.

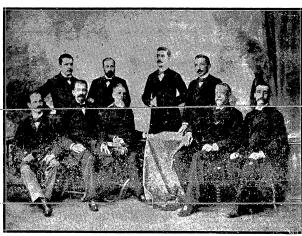
Promovidas pelo Governo do Estado, Realizar-se-ão Hoje, em São Paulo, Diversas Cerimônias Comemorativas

Missa na Catedral e Visita ao Túmulo – Inauguração da Herma na Praça da República – Sessão Solene à Noite no Municipal - Dados Biográficos

São Paulo comemora hoje o centenário do nascimento de Bernardino de Campos. Embora nascido em Minas Gerais, a sua vida pública se desenvolveu, inteira, em S. Paulo. Bernardino de Campos é, assim, uma das figuras mais impressionantes da história política e administrativa do nosso Estado. Para aqui veiu ainda estudante, matriculando-se, em 1859, aos 17 anos, na Faculdade de Direito. Logo depois de formado, mudou-se para Amparo, já casado, e aí residiu até 1888. O Brasil, nessa época, estava agitado por duas grandes campanhas: a abolicionista e a republicana. Bernardino de Campos tomou parte em ambas, como elemento dos de maior destaque. Jornalista, alem de colaborar no "Correio Paulistano" e na "Província de São Paulo", da Capital, escrevia tambem na "Tribuna Amparense" e na "Gazeta de Campinas", tendo fundado, em Amparo, "A Época". A sua atividade de jornalista foi sempre voltada para as duas grandes causas de que era um dos paladinos, e, porisso, o Partido Republicano Paulista, em 1882, o elegeu membro da sua Comissão Permanente. Em 1888, quando a campanha abolicionista e a republicana atingiam o seu ponto culminante, Bernardino de Campos foi eleito deputado provincial pelo Partido Republicano.

A sua atuação desassombrada na defesa da causa dos escravos e na propaganda do novo regime, indicou-o naturalmente para uma posição de relevo, quando em 1889 se proclamou a República. Foi então chamado a exercer o cargo de Chefe de Polícia de São Paulo, o primeiro que o nosso Estado teve no regime republicano. Nas primeiras eleições realizadas no novo regime, foi eleito deputado à Assembléia Constituinte, como representante de São Paulo, e indicado pelos seus colegas de representação para as funções de lider da bancada paulista. Pouco depois, integrava a "Comissão dos 21", composta de um representante de cada Estado e à qual coube a elaboração do projeto da Constituição de 1891.

Promulgada a Constituição, foi Bernardino de Campos eleito presidente da Câmara Federal, cargo da mais alta representação política, principalmente naqueles momentos incertos que marcaram os primeiros anos da vida republicana do Brasil. Pouco depois, o governo federal o nomeava ministro do Supremo Tribunal. Mas Bernardino de Campos não aceitou o honroso cargo com que o distinguia o governo republicano. São Paulo precisava de sua colaboração na presidência do Estado. Primeiro presidente de S. Paulo, no regime republicano, eleito por sufrágio popular, Bernardino de Campos seria novamente chamado a esse cargo alguns anos mais tarde, eleito em 1902, tal a firmeza demonstrada durante os dias sombrios da primeira presidência.

O Brasil atravessava então, realmente, pouco depois da proclamação da República, dias incertos. Bernardino de Campos, que vinha da propaganda e que nesta pusera toda a sua sinceridade, colocou toda a sua energia e toda a sua inteligência na defesa do regime para cujo advento concorrera. No governo da nação, Floriano Peixoto se via obrigado a enfrentar a revolta que ameaçava destruir as bases do regime recentemente instaurado. Bernardino de Campos correu a sustentá-lo, para assim sustentar a República. A propósito da atitude então assumida pelo grande presidente de S. Paulo, escreve então um seu biógrafo: "Poucos sabem que aquela resistência (de Floriano) teria sido imensamente prejudicada, senão mesmo totalmente inutil, se Bernardino de Campos não se encontrasse então no governo de S. Paulo. Provocando inicialmente, pelo exemplo, a grande concentração governamental que dos Estados veiu operar-se em torno do poder central, o presidente paulista fazia-se logo em seguida o sábio e incansavel administrador da resistência legal contra a desordem". As condições financeiras do governo federal não eram boas e, com a retração do crédito, o marechal Floriano começava a sentir dificuldades na manutenção da ordem, Bernardino, à frente do Estado de S. Paulo, pôs todos os recursos estaduais à disposição do governo da União. "O carvão de pedra com que continuaram a mover-se os trens da Central do Brasil — continua o biógrafo citado — os equipamentos e os víveres para as tropas em operação no sul ou em formação para lá seguirem, as "mannlichers" e as munições que se opuseram às "kroupatcheks" da marinha revoltada e que afinal foram dar o golpe de graça na desordem, nas cochilhas do Rio Grande, tudo, pelo menos em grande parte e no momento decisivo e mais angustioso, foi fornecido pelo Tesouro de S. Paulo". Não obstante, Bernardino de Campos, ao encerrar o seu período governamental, entregou o governo de S. Paulo a Campos Sales, seu sucessor, com as finanças equilibradas. Apesar do esforço que tivera de dispender, não se vira forçado a recorrer a empréstimos, nem colocara o orçamento do Estado em situação deficitária.

1.a PRESIDÊNCIA DE BERNARDINO DE CAMPOS — Grupo feito com os secretários de Estado e vice-presidente vendo-se, da direita para a esquerda, Theodoro de Carvalho, Alfredo Pujol, Rubião Junior, Jorge Tibiriçá, Bernardino de Campos, Bento Bueno, Siqueira Campos, Cerqueira Cesar, Mello Peixoto. Na fotografia faltam Vicente de Carvalho, Alfredo Maia e Cezario Motta.

Saindo do governo de São Paulo, Bernardino de Campos foi eleito representante de nosso Estado no Senado Federal, em 1896. Logo depois, entretanto, nesse mesmo ano, deixava a cadeira para a qual fora eleito por longo período, para ocupar um posto verdadeiramente de sacrifício naquele instante da vida nacional, qual o de ministro da Fazenda do governo Prudente de Morais. Durante dois anos permaneceu à frente daquela pasta, e de tal maneira soube enfrentar as dificuldades da situação que permitiu a Murtinho, que o sucedeu no Ministério da Fazenda, promover a reorganização financeira realizada no governo Campos Sales.

Em 1900, Bernardino de Campos era novamente eleito senador federal por S. Paulo. Pouco depois, contudo, renunciava o mandato, por ter sido chamado, mais uma vez, a ocupar a presidência do Estado, em que se empossou em 1902. Em 1904, foi levantada a sua candidatura à sucessão de Rodrigues Alves na presidência da República. Bernardino de Campos, entrevistado por Alcindo Guanabara sobre a situação política nacional, foi incisivo: "No Brasil, tudo estava errado, tudo estava torto, fazendo-se urgente uma completa reorganização, uma refusão tão íntima e profunda das bases económicas do país, uma reforma tributária e administrativa tão minuciosa e tão ampla que, sem o dizer e mesmo prevenindo, ele inevitavelmente indicava uma próxima revisão constitucional como indispensavel". O mesmo historiador que nos dá esta síntese da famosa entrevista de Bernardino de Campos (José Maria dos Santos, "Política geral do Brasil"), dá-nos, tambem, neste rápido quadro, um esboço da reação que as suas idéias corajosas levantaram:

"E' facil de supor o confranger de vaidades ofendidas e o sobressalto geral de interesses ameaçados produzidos pela publicação dessa entrevista. O general Pinheiro Machado, senador pelo Rio Grande do Sul, que representava na política federal os pontos de vista da gente dominante em sua terra, logo descobria nela o anúncio de um grande perigo para a obra constitucional de 24 de fevereiro, e, surgido aquele centro de reação politica, em torno dele vieram grupar-se não somente os egoismos partidários alimentados na elaboração dos orçamentos estaduais, como mesmo os interesses industriais e financeiros em mais intimas relações com a vida politica e administrativa. Na imprensa abriu-se imediatamente uma formidavel oposição ao candidato. Dispensando-se de discutir e realmente combater as suas idéias, jornais e revistas se contentavam em dirigir-lhe as mais duras e sangrentas invetivas, enquanto o presidente Rodrigues Alves e os outros maiorais da política paulista, todos mais ou menos atingidos pelas severidades da entrevista, entravam numa desolada e constrangida passividade que, se não era francamente um abandono, tambem nada tinha de encorajante nem mesmo consolador. Se Bernardino de Campos, mantendo definitivamente a sua candidatura, tem podido defender e ampliar os conceitos divulgados por Alcindo Guanabara, numa longa e vigorosa campanha de opinião, que abalasse real e profundamente a conciência pública, é bem possivel que alguma cousa de muito grave se houvesse produzido naquele instante, a, de alguma forma, recordar os acontecimentos de 1893. Mas esse não poderia jamais ter sido o papel de um homem com as suas responsabilidades no regime de 15 de novembro... Coberto de injúrias, o velho republicano sentiu-se como que emparedado. A sua carreira política só podia prosseguir ou liquidar-se dentro do estreito circulo de interesses individuais com o nome de Partido Republicano, no qual o país se organizara e que, sem remédio, o possuia. No dia 17 de agosto, o "Correio Paulistano", em São Paulo, e "O País", no

(Conclue na [illegible] página)